

## APRESENTAÇÃO

A realização deste XXXVI Congresso Brasileiro de Geologia diante da grave crise econômica que atravessamos, tornou-se um enorme desafio. Seu êxito deverá ser creditado a todos aqueles que se somaram no esforço de viabilizá-lo, através da atuação direta, da contribuição científica e técnica ou do apoio financeiro inóspitável.

Este BOLETIM DE RESUMOS tem a finalidade de fornecer aos participantes, uma visão ampla da temática do evento. Nele são apresentados todos os Resumos aprovados para as Sessões Técnicas, Breves Comunicações e Sessão Poster. Apresenta um Índice Geral, organizado segundo a distribuição dos trabalhos nos seis volumes dos Anais.

Externamos mais uma vez nossos agradecimentos a todos que colaboraram para a realização deste Congresso e desejamos a todos os participantes, pleno êxito em suas atuações.

A Comissão Organizadora

**DEDALUS - Acervo - IGC**



30900002126

Por outro lado, poderemos também supor a existência de um magma toleítico primitivo que teria sido levado a superfície rapidamente e sem fracionamento.

Rochas basálticas representam a outra população geocronologicamente distinta, e denominada no seu conjunto de "Suite Terciária".

Tratam-se de ankaratritos, basanitos e olivina basaltos de afinidade basaníticas ou toleítica.

Valores normativos obtidos sugerem que essas rochas se tratam de alcali-olivina a basaltos. A petrologia das mesmas tem sugerido uma profundidade média em torno de 50km para a formação de um olivina-basalto original, a partir da fusão parcial de um espinélio-lherzolito.

Sem dúvida chama bastar a reação curvas de terras raras normalizadas para condrito, para labássios e basaltos, ambas indicando uma anomalia positiva para o

**ELEMENTOS TRAÇOS (Rb, Sr, E Ba) NA  
HISTÓRIA DE DIFERENCIACÃO DOS SIENITOS  
DE TANGUÁ, RJ.**

José Vicente Valarelli  
DMP-IG-USP

Joel Valença  
IG-UFRJ

Ana Helena Pacheco Moreira  
IQ-UFF

François Delbove  
CSCM-CNRS-Orléans

Dados petrológicos e geoquímicos anteriores concluiram pela cristalização e fracionamento de leucita, seguindo-se cristalização de feldspato potássico, havendo evidências marcantes que a cristalização da leucita deu-se antes e durante o "emplacement", das rochas do complexo alcalino de Tanguá.

As análises de elementos traços disponíveis referem-se a:

- a) Rochas com média de 50% de pseudoleucitas de pequenas dimensões cujos limites com matriz sienítica fina são difusos. "Upper" sienitos. Análises de rocha total (3).
- b) Rochas com 90% de matriz nefelina sienítica e 10% (em média) de fenocristais centimétricos e pseudoleucita com 30% de reação de borda. "Middle" sienitos. Análises das matrizes (4).
- c) Nefelina sienitos normais - "Lower" sienitos. Análises de rocha total (6).

Dados experimentais de coeficientes de partição desses elementos entre leucita ou sanidina e magma sílico-sanidínico confirmam precedente história.

Efetuando-se a distribuição dos elementos traços partindo de 100 partes de cada um, num magma primitivo chegou-se a distribuição de teores normalizados para 100, baseados nas seguintes hipóteses de história de cristalização:

- Para os "Upper" sienitos considerou-se cristalização de 50% de leucita, seguida de reação de metade de seu volume com líquido residual (1) resultando sanidina e sobrando líquido residual (2) que formou a massa fina sienítica (matriz).
- No caso dos "Middle" sienitos considerou-se cristalização de 10% de leucita, seguido da reação de 30% de seu volume (bordas) com o líquido residual formando feldspato potássico, restando novo líquido que constitui a matriz Ne-sienítica analisada.
- Os "Lower" sienitos foram considerados como produto de cristalização do líquido residual (1) após a cristalização de 50% de leucita.

As leucitas cristalizadas no magma inicial dos "Upper" sienitos teriam se segregado ou mesmo flotado na câmara magmática inicial profunda e seu contato com o líquido residual (1) teria se efetuado durante o "emplacement" em condições de intrusivas sub vulcânicas.

As pseudoleucitas dos "Middle" sienitos cristalizaram-se em condições de equilíbrio prevalecentes antes do "emplacement", a partir do magma inicial.

Posteiros transformações das leucitas em nefelina+feldspato potássico não acarretaram perdas dos elementos traços.

Os dados normalizados de Rb contidos nos materiais analisados (matriz ou rocha total) para as médias de análises (a), (b) e (c) são, respectivamente 100, 79 e 48. Essas análises médias apresentam, respectivamente 148, 122 e 119 ppm de Rb.

Para o Sr os dados normalizados são 100, 58 e 26 e as dosagens em ppm são 3.687, 1.289 e 506, respectivamente.

O Ca tem os seguintes valores normalizados: 100, 40 e 13, correspondendo aos teores médios analisados de: 790, 158 e 48 ppm de Ca.

**CAMPO PEGMATÍTICO DE MANHUAÇU-ESPERA  
FELIZ (PORÇÃO CENTRO SUL DA PROVÍNCIA  
PEGMATÍTICA ORIENTAL) - MG/BRASIL**

Prof. Dr. Adolf Heinrich Horn  
Prof. Dr. José Marques Correia  
Neves

Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências  
Centro de Pesquisa Prof. Manoel Teixeira da Costa  
Caixa Postal 2608 - 30161 Belo Horizonte - MG/Brasil

Foram investigados pegmatitos na área Muriaé-Manhuaçu, pertencentes ao Distrito Pegmatítico do Caparaó da Província Pegmatítica Oriental do Brasil. Os pegmatitos estão encaixados em Migmatitos bandados, Gnaisses, Gnaisses quartzíticos e Quartzitos orientados. Eles seguem a foliação regional, da faixa anfibolítica a granulítica e pertencem ao Complexo Juiz de Fora, Grupo Paraíba do Sul.

Até o presente procedemos a trabalhos de campo, análises de difração dos feldspatos e micas e de infra-vermelho dos feldspatos. As evidências que possuímos permitem as seguintes conclusões:

I - A fonte, geração e fracionamento dos líquidos graníticos iniciais estão ligados ao processo da migmatização regional durante o primeiro evento do Brasiliense (650-600 Ma).

II - Os pegmatitos deste campo geraram-se e posicionaram-se principalmente na fase final do Brasiliense (450-520 Ma). São do tipo anatético, com algum deslocamento crustal, posicionados segundo fraturas tipo a-c do dobramento Brasiliense (D4, D5) e/ou fraturas do tipo "Sichel" relacionadas ao movimento N-S (D7) ligado ao lineamento de Guacuí.

III - Os pegmatitos são do tipo Cerâmico (na maioria só com quartzo, feldspato e mica) e zonados, apresentando três até quatro zonas distintas mais dificilmente separáveis no campo:

- 1 - zona marginal de cristais finos
- 2 - Zona de grão grosso com feldspato potássico, biotita e moscovita, onde o intercrescimento gráfico é comum.
- 3 - Zona de quartzo e feldspato e bolsões e lentes de mica.
- 4 - Zona central constituída por quartzo (normalmente leitoso às vezes claro) muitas vezes em massas descontínuas.

IV - Os feldspatos estudados são microclininas e mostram já caulinização.

V - As micas são moscovita e biotita em vários estágios de alteração.

VI - Os pegmatitos foram alterados por intemperismo o que é evidenciado pela caulinização dos feldspatos e foram impregnados com óxidos de manganês e ferro.

**GEOLOGIA E PETROGRAFIA DO MACIÇO  
GRANÍTICO ANTÔNIO VICENTE, REGIÃO DE SÃO  
FÉLIX DO XINGU/PA.**

Nilson Pinto Teixeira\*

Roberto Dall'Agnol\*\*

\*Pesquisador do CNPq,  
Departamento de Geologia,  
Universidade Federal do Pará  
Campus Universitário do Guamá  
Caixa Postal 1611, CEP 66000  
Belém, PA, Brasil.  
\*\*Pesquisador do CNPq,  
Departamento de Geoquímica e  
Petrologia, Universidade Federal  
do Pará, Campus Universitário do  
Guamá, Caixa Postal 1611,  
CEP 66000, Belém, PA, Brasil.

O maciço granítico Antônio Vicente aflora na região centro sul do Estado do Pará, na extremidade oeste da Serra dos Carajás, a aproximadamente 50 km a NW da Cidade de São Félix do Xingu. Apresenta uma forma amebóide, tem dimensões da ordem de 600 km<sup>2</sup> e mostra um caráter anorogênico (pós Ciclo Transamazônico). É intrusivo em rochas do Complexo Xingu, dos Grupos Grão Pará e Rio Fresco e do Supergroupo Uatumã. Ocorrem, ainda, em contato com o granito, rochas gabróicas de posicionamento duvidoso e possivelmente metamorfisadas. No contato WSW do granito ocorrem rochas granítoides petrograficamente muito similares ao Adamelito Água Branca. Estruturalmente não foram observadas, tanto em afloramento, quanto em amostras de mão, foliações, embora as rochas do maciço mostrem-se intensamente fraturadas e/ou fa-